



O legado de Carlos Palut ao ensino do Radiojornalismo¹

Flávia Lúcia Bazan Bepalhok²

Docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Resumo

Esse artigo mostra a experiência de Carlos Palut na introdução e prática da reportagem radiofônica externa na Emissora Continental do Rio de Janeiro e o que essa experiência pode contribuir para o ensino do Radiojornalismo atual. Considera como legados de Palut o conhecimento amplo do veículo e da linguagem radiofônica, a saída dos gabinetes, a criatividade e a experimentação. Utiliza Análise Documental de periódicos e a História Oral como metodologia de coleta de informações com nove ex-integrantes da Emissora Continental.

Palavras-chave

Carlos Palut; Ensino de Radiojornalismo; Reportagem Radiofônica; História do Radiojornalismo; Emissora Continental do Rio de Janeiro.

Como feitos do passado podem contribuir com o presente? Com esta pergunta em mente, focamos a experiência de um dos nomes mais lembrados quando se fala na introdução da reportagem no rádio brasileiro: Carlos Palut. No início da década de 1950, Palut comandou um grupo de repórteres, os “Comandos Continental”, que intensificou a prática da reportagem externa e ao vivo na Emissora Continental do Rio de Janeiro. Esse fato deixou marcas profundas na história do radiojornalismo brasileiro. Hoje, quase 60 anos depois, pretendemos olhar com mais acuidade para a experiência protagonizada por Carlos Palut e extrair dela algumas posturas que entendemos ser importantes na prática e, principalmente, no ensino do radiojornalismo.

O historiador Paul Thompson (1998, p. 334) afirma: “Única, muitas vezes candidamente simples, epigramática e, contudo, ao mesmo tempo representativa, a voz consegue, como nenhum outro meio, trazer o passado até o presente”. Por esse motivo nos valem da técnica de História Oral na coleta de depoimentos de nove ex-

¹ Trabalho apresentado ao NP Rádio e Mídia Sonora, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (1987) e mestrado em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006). Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Londrina. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Radiojornalismo, atuando principalmente nos seguintes temas: História do Radiojornalismo, Reportagem Radiofônica e Linguagem Radiofônica. flabespa@onda.com.br.



integrantes da Emissora Continental (Saulo Ramos, Ary Vizeu, Carlos Alberto Vizeu, Paulo César Ferreira, Paulo Caringi, Teixeira Heizer, Jorge Sampaio, Afonso Soares e Celso Garcia). Esses repórteres conviveram de perto com Carlos Palut. Alguns deles reputam a ele boa parte do conhecimento que possuem sobre rádio e jornalismo. Dois deles tiveram uma convivência mais íntima ainda: o cunhado Ary Vizeu e o sobrinho Carlos Alberto Vizeu. Além dos depoimentos, complementamos os dados com pesquisas bibliográficas e com a análise documental dos periódicos “Revista do Rádio”, “Radiolândia”, jornal “Correio da Manhã” e “Diário de Notícias”.

Contexto histórico

Na década de 1950, o rádio sofreu o impacto do surgimento da televisão. Artistas, programas e verbas transferiram-se paulatinamente para o recém chegado veículo eletrônico. Embora isso tenha representado o fim de uma era de ouro para o rádio de espetáculo, o jornalismo foi beneficiado e passou a viver um de seus períodos mais férteis. Isso porque, em busca de uma saída para o marasmo que tomou conta do veículo – sem as orquestras, cantores e estrelas o rádio se transformou num vitrolão – o jornalismo passou a ser encarado como uma possibilidade de reerguimento.

Até esse período, o jornalismo praticado no rádio brasileiro se caracterizava pela figura do locutor, o *speaker*, dentro do estúdio. Já havia uma escrita própria para o veículo, introduzida em 1941 pelo Repórter Esso, entretanto era um jornalismo baseado na notícia e que não saía às ruas. Isso começa a mudar com a busca do rádio por novos rumos. As experiências que se verificaram nesse período foram muitas. A Rádio Jornal do Brasil, por exemplo, estimulada pela reformulação gráfica do Jornal do Brasil em 1955, também promove mudanças na programação. Segundo Saroldi e Moreira (2005, p. 150), a emissora adota “o jornalismo radiofônico nos moldes do Repórter Esso, com locutor exclusivo para as quatro edições diárias de O Jornal do Brasil Informa”, passa a usar o slogan “música e informação” e ainda, a partir da década de 1960, “insere boletins de notícias de meia em meia hora e lança o Serviço de Utilidade Pública.” A Rádio Bandeirantes intensificou seu esquema de jornalismo e em 1954, segundo Sampaio (1971, p. 22), começa a apresentar notícias de um minuto a cada quarto de hora e boletins de 3 minutos nas horas cheias. E a Rádio Panamericana, que depois veio a ser a Rádio Jovem Pan, transformou o jornalismo em espinha dorsal da programação, montando uma equipe bem estruturada e investindo em reportagens de rua.



A evolução tecnológica acontecida no período também contribuiu para a consolidação do novo caminho radiofônico. O transistor, criado em 1947, possibilitava a troca das grandes e pesadas válvulas que alimentavam os rádios de então por pilhas como fonte de energia. Isso provocou o barateamento e a miniaturização dos equipamentos e “[...] deu ao rádio sua principal arma de faturamento: é possível ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, não precisando mais ligá-lo às tomadas” (ORTRIWANO, 1985, p. 22). O transistor chega ao rádio brasileiro no final dos anos de 1950, mas é na década seguinte que se torna popular, principalmente em função das transmissões das Copas do Mundo de Futebol em 1962 e 1966.

Outros equipamentos que também reacenderam os caminhos do rádio, especialmente os do radiojornalismo, na avaliação de Ortriwano (1990, p. 83), foram as unidades móveis de transmissão, a Frequência Modulada e o gravador magnético. Este último surgiu no final da década de 1940 e passou a ser usado no país a partir dos anos de 1950. Isso tornou possível a realização de edições sonoras e, principalmente, possibilitou a gravação fora do estúdio e sua imediata reprodução. “As reportagens tiveram com este sistema seu melhor aliado, contribuindo para que, pouco a pouco, fosse menor a quantidade de programas ao vivo, dando à programação um caráter distinto, com maior qualidade e pureza.” (GARCIA CAMARGO apud ORTRIWANO, 1990, p.83)

Na construção dessa tendência informativa, de acordo com Zucoloto (1998, p. 90), o rádio também passa a dar mais espaço para a utilidade pública e a prestação de serviço. “São aspectos informativos que acabam aparecendo na notícia e influenciando seu modo de produção e suas fontes de captação, já que servem mais ao local, ao regional”.

Experiência da Continental

Preocupação com o local, com a prestação de serviço, repórteres nas ruas, unidades móveis de transmissão, uso de gravadores e intensificação das reportagens. Esses também foram os ingredientes usados pela Emissora Continental do Rio de Janeiro, que tem sua experiência³ destacada na década de 1950 por Moreira (2000). Para

³ Mais informações sobre como a reportagem surgiu e se desenvolveu na Emissora Continental em Bespalhok, Flávia Lúcia Bazan. Reportagem Externa Radiofônica: A Experiência da Emissora



a autora, a atuação da Continental foi o ponto de partida para a mudança dos jornais produzidos até então:

Os jornais falados da Continental transformaram-se nos principais concorrentes do Repórter Esso: enquanto o informativo de maior sucesso da Rádio Nacional continuava a privilegiar o noticiário internacional (redigido com o material da United Press), os programas jornalísticos da Continental davam maior destaque para o noticiário local e/ou nacional. (MOREIRA, 2000, p.35)

Mas não é somente pela transformação nos jornais falados que a Continental ainda é lembrada. A emissora adotou um “formato radiofônico novo, o de música-esporte-notícia, embora a rádio procurasse se concentrar mais na informação e na cobertura esportiva em detrimento da programação musical”. (FERRARETO, 2000, p.139). No campo da informação, a emissora é apontada como uma das pioneiras no uso das reportagens externas. Se até então o radiojornalismo brasileiro baseava-se principalmente nas agências e nas notícias, a equipe comandada por Carlos Palut intensifica o uso das reportagens diretamente dos locais dos acontecimentos. Felice (1981, p. 68) aponta a Continental como a emissora que “marcou época com as transmissões externas, no final da década de 50”. Ortriwano (2003, p. 79) fala de profundas transformações:

Outra experiência dentro da estrutura que estava sendo sedimentada no radiojornalismo marca o início de modificações profundas nos jornais falados quando a Rádio Continental do Rio de Janeiro torna-se a primeira emissora brasileira especializada em reportagens externas, uma criação de Carlos Palut.

Para Moreira (2000, p. 36), a experiência de reportagem desenvolvida por Palut e pela Continental foi uma das bases para o estabelecimento do tipo de radiojornalismo que temos na atualidade: “A reportagem volante de Carlos Palut foi mais um passo na consolidação do radiojornalismo nacional”. A ligação entre o surgimento e a intensificação da prática da reportagem e a atuação de Carlos Palut são evidentes. Essa relação começou no início da década de 1950 quando Palut, que chefiava a “Seção de Comandos e Reportagens” da Continental, decidiu fazer uma cobertura diferenciada do carnaval da cidade do Rio de Janeiro. Mas antes de falarmos de 1950, voltemos um pouco no tempo.

O percurso de Carlos Palut

Carlos Palut nasceu em 16 de dezembro de 1927. Começou no rádio quando ainda era garoto – aos 12 anos – em um programa criado e apresentado por ele, chamado “Programa da Petizada”. Sua irmã Iolanda, esposa de Ary Vizeu e mãe de Carlos Alberto Vizeu, era quem vendia os horários do programa. Casou-se no dia 30 de junho de 1949, na Igreja da Candelária, com Alba Regina, a quem conheceu quando ambos trabalhavam na Rádio Guanabara. “Ela era rádio-atriz, quando o conheceu. E ele brilhava, já, na reportagem radiofônica, assunto em que se faria um mestre” (AMOR..., 1964). Dessa união nasceu o único filho do casal, Ramon Antônio.



Figura 1 – Foto do casamento de Carlos Palut e Alba Regina.

Fonte: AMOR..., 1964

Carlos Palut passou por muitas emissoras e possuía um temperamento inquieto, como ele mesmo define na “Revista do Rádio” de 15 de maio de 1951 na seção “Minha Vida por Mim Mesmo”: “Mudo muito de estação... um dia na Tupi, outro na Guanabara, na Nacional, na Tamoio, na Mayrink Veiga, na Continental... Acontece que eu acredito muito nos homens – e como apanho por causa disso!”. Ainda no mesmo relato, Palut fala das muitas funções que ocupou no rádio:

Estava desempregado...
Já fiz de tudo na minha profissão...
Fui rádio-ator...
Contra-regra...
Produtor...
Sonoplasta...
Discotecário-programador...
Locutor...
Animador...

Assistente do diretor...

Diretor-artístico...

Diretor de broadcasting...

Corretor de anúncios... e até cantor, quando substituí o Paulo Tapajós, no dia em que o carro dêle enguiçou e que não havendo nenhum outro disponível, cantei a abertura musical do programa “Tabuleiro da Baiana”, da Nacional. Já substituí os “cancans” da rádio...o Celso Guimarães, o Paulo Gracindo, o Manoel Barcelos, o Carlos Frias, o Ary Barroso...Sim, já despedi muita gente... e já fui despedido! (MINHA...,1951)

Mas Palut não limitou sua carreira ao rádio. Ele era tesoureiro da Caixa Econômica e quando as Organizações Rubens Berardo⁴ inauguraram sua estação de TV, em 30 de junho de 1959, também foi chefiar o departamento de jornalismo e apresentar programas. Para Jorge Sampaio (2004), esse atributo do comportamento de Carlos Palut foi um dos responsáveis pelos grandes feitos que realizou: “Ele era agitado, ele tinha que pôr aquilo pra fora, até que um dia ele conseguiu e conseguimos como? Conseguimos?! Ele conseguiu, a idéia foi dele”. A idéia a que se refere Sampaio é a da cobertura do carnaval, o que, na avaliação de muitos dos entrevistados, foi o estopim para o surgimento da reportagem externa ao vivo: “Isso foi ele que botou. Isso ninguém pode tirar dele. Podem falar o que quiser, mas isso [cobertura de carnaval e reportagem externa] não podem tirar dele” (VIZEU, C.A.,2004). Afonso Soares (2005) reitera: “essa [cobertura de carnaval] foi uma idéia de Carlos Palut, que sempre foi uma cabeça notável pra lançamento de coisas”.

Jorge Sampaio (2004), que participou da primeira cobertura do carnaval, também atribui a idéia a Palut. Ele conta que Palut precisou convencer o então diretor geral da emissora, Gagliano Neto, a permitir a transmissão, e diz que a cobertura foi um sucesso que alavancou a audiência da rádio:

Em 1951, nós fizemos a primeira transmissão de carnaval do Rio de Janeiro. 1951. Ele [Carlos Palut] era um sujeito extraordinário, criativo, cheio de invenção, ele criava, ele realmente criava, e a Continental, para que você tenha uma idéia, há o seguinte, a Rádio Nacional ela era absoluta na época, então a Rádio Nacional era líder de audiência. A Continental estava lá no fim, na rabeira, depois que o Palut criou, a rádio Continental não ficou líder porque ela era uma emissora de potência pequena, mas ficou numa posição de destaque e à proporção que o tempo foi passando a Continental subiu.

Quem também participou dessa transmissão foi Afonso Soares (2005), que informa que a idéia de Palut era cobrir o carnaval à margem do carnaval, ou seja, “dar uma cobertura principalmente pra quem estava em casa. Isso ninguém acreditava que

⁴ As Organizações Rubens Berardo chegaram a ter cinco emissoras de rádio (Continental, Metropolitana, Continental de Campos, Continental de Porto Alegre e Continental de Pernambuco), uma emissora de TV (TV Continental) e um estúdio de cinema (Flama Produtora Cinematográfica).



pudesse ser sucesso”. Mas foi. Segundo Carlos Alberto Vizeu (2004), durante o carnaval “o noticiário ficava relegado ao quinto plano”. Palut o colocou, então, em evidência, ou seja, em vez de falar apenas das escolas e dos desfiles, centrou-se nos fatos que ocorriam nos entornos do carnaval. “Depois, todas as rádios começaram a imitar a Continental”. (VIZEU, C.A., 2004).

O que se observa em todas as informações das coberturas dos carnavais é que, além de transmitir os desfiles, a Continental passou a fazer um trabalho de prestação de serviço, informando sobre pessoas desaparecidas e acidentes, como fica claro em uma nota publicada pela coluna “Ôlho por ...” da revista “Radiolândia”, em 12 de março de 1955:

Gente boa essa da Rádio Continental. Trabalharam os três dias de carnaval, ajudaram todo mundo. Acharam crianças, prenderam uma guarnição inteirinha da Rádio-Patrolha, localizaram carro roubado, moça fugida, marido transviado, comeram em pé, choraram e riram de emoção. Todo mundo trabalhou. Dava uma sensação de segurança saber que eles lá estavam, em todos os pontos da cidade, sempre informando. De vez em quando havia uma alteração. O nome de Palut corria para lá e para cá, o ouvinte entrava na conversa, o ouvinte ficava com vontade de levar comida para os rapazes, matar a sede dos meninos, isso até o momento em que resolvia ir vê-los de perto. A coisa era bem diferente, mas os rapazes são repórteres até quando não há assunto. Estavam calmamente sentados, quando a Central dava um chamado, começavam a falar apressado, informando, gritando, berrando, uma agitação louca tomava conta deles e dos assistentes. Gente muito boa essa da Continental. Enquanto a maioria dos radialistas deu um jeitinho de fugir do trabalho, eles mergulharam pra cabeça... (OLHO..., 1955)

Na avaliação de Jorge Sampaio (2004), com a cobertura de carnaval, a Continental ganhou em audiência e em amplitude de ação. Ele compara o feito da emissora a “um gol de letra” e afirma que, a partir de então, aumentou o prestígio da rádio porque ela “ia até o fato, onde ele acontecesse estava um repórter presente”. A atitude de “ir até o fato” evidenciava a busca pela informação ampliada e, na avaliação de Carlos Alberto Vizeu (2004), essa procura indicava uma outra preocupação que Carlos Palut já havia demonstrado na cobertura de carnaval: a prestação de serviço.

Pelos relatos dos entrevistados depreende-se que a Continental cobria de tudo, desde acidentes até feira livre. Teixeira Heizer (2004) fornece um exemplo de serviço que a Continental prestava e que a colocava ao lado do ouvinte:

Então, o Palut conseguiu ter sucesso nisso aí. Ele tinha coisas assim: Feira livre, ele ia lá, a equipe dele ia lá: ‘olha o tomate tá muito caro’, ‘esse pimentão está estragado’. Isso no ar, assim. Isso foi o maior sucesso, porque a dona de casa se sentia assim vingada. [...] Ele ia na padaria e dizia assim: ‘pesa o pão aí que eu quero ver’. Eles eram fiscais, eles eram tudo. ‘Pesa o

pão aí’ . ‘Ó, deu só 40 gramas, o senhor tá roubando, e tal’. [...] Então eles vingavam as donas de casa. E se tornaram bastante populares no Rio de Janeiro. E impuseram esse esquema de externas.

Nessa prática de externas, segundo Afonso Soares (2005), ‘não havia um fato que acontecesse no Rio de Janeiro que a Continental não estivesse presente’. Essa, aliás, foi uma fala recorrente entre os entrevistados. Pelos depoimentos, o slogan de “a que está em todas” realmente se verificava no dia-a-dia. A cobertura que se fazia, nas palavras de Carlos Alberto Vizeu, era “pegar um acontecimento, ter começo, meio e fim, e ele [Palut] não fazia a coisa pela metade, a Continental, ela parava”. Ficar no ar transmitindo um acontecimento do seu início ao fim era, portanto, comum na Continental. A programação normal era interrompida, num formato de programa que hoje se denomina Edição Extraordinária, e toda a emissora trabalhava em função do fato.



Figura 2 – Carlos Palut ao microfone da Continental

Fonte: Arquivo pessoal de Paulo Caringi

Por todas essas inovações introduzidas na Continental, Palut foi, na avaliação de Afonso Soares (2005), o melhor repórter de rádio do país: ‘Eu digo sem medo de errar, Palut foi um fenômeno, eu o considero o maior repórter de rádio e televisão. Pena que tivesse morrido tão cedo, porque ele estaria até hoje prestando inestimáveis serviços ao rádio e à televisão’. Carlos Palut foi eleito pela “Revista do Rádio” o “Melhor Repórter Radiofônico” do ano de 1956 e o “Melhor Repórter de Televisão” em 1962.

Quem também reputa Palut como “o maior rádio-repórter que eu conheci na minha vida” é Celso Garcia (2005). Para ilustrar essa opinião, lembra-se de uma reportagem feita por Carlos Palut:

[Faltavam] vinte minutos pra entrar o trabalho dele e ele tava na rádio conversando com a gente, tranquilo. Ai eu digo: ‘ô Palut tu não vai fazer?’ ‘Não, pode deixar que eu vou’. Olha, quando faltavam dez minutos, eu me

lembro como se fosse hoje, eu cheguei na janela com ele, aí ele ficou olhando lá pra baixo, aí telefonou lá pra técnica e disse assim: desce o material, que eu vou fazer uma reportagem aqui. (GARCIA, 2005)

Celso Garcia conta que em frente à emissora havia homens trabalhando “com aquelas britadeiras, preeeeeeee (imita som de uma britadeira) arrebrandando, fazendo não sei o que”. Carlos Palut desceu com os equipamentos (a Continental ficava no sexto andar) e no momento em que foi chamado pelo apresentador fez uma reportagem ao vivo:

Botaram o fone no ouvido dele, quando ele ouviu “Palut fala”, ele entrou e liquidou. Entrevistou aqueles caras, mandou parar as máquinas, liga agora um pouco mais, pá, fica naquela distância, não sei o que, ele deu um show, na porta da rádio. Agora, se você me perguntar: será que ele viu aquilo naquela hora? Eu não sei te dizer, talvez tenha sido, ela já teria visto, porque ele também enxergava longe, que ali dava uma matéria boa pra ele fazer, entendeu? (GARCIA, 2005)

Além da forma de execução da reportagem (utilizando-se dos sons das britadeiras), Garcia afirma que ficou extasiado com a iniciativa, criatividade e naturalidade de reportar aquele tipo de assunto (homens trabalhando), que à primeira vista não mereceria veiculação.

Teixeira Heizer (2004) reputa a Palut o atributo de também ter dado velocidade ao rádio: “O Palut conseguiu alguns companheiros e ensinou eles a trabalhar”. Mais adiante, Heizer (2004) completa: “Eles aprenderam a fazer reportagem de rua, que ninguém fez. O Palut fazia, eles foram na esteira do Palut, começaram a aprender a fazer reportagem de rua”. Celso Garcia (2005) confirma que a equipe não só seguia as determinações de Palut na hora de realizar uma reportagem, mas também “até o modo dele de trabalhar”. No rastro dessas afirmações, identificamos em vários depoimentos esse aspecto da Continental ter sido uma “escola” para muitos dos repórteres que passariam a fazer reportagem no rádio brasileiro. Como para Jorge Sampaio (2004):

[...] foi a minha grande escola, porque depois, mais tarde, eu vim a trabalhar em jornal⁵, tudo com a experiência adquirida na Continental e pra mim foi um negócio extraordinário e pros outros também, passamos a ser conhecidos e Palut tinha sempre um improviso muito bom, e eu não me pejo de dizer, eu digo, ele me deu muita aula, muita lição.

⁵ Inicialmente, ao sair da Continental, Jorge Sampaio foi para a Rádio Tupi como Chefe de Reportagem.



Figura 3 – Da esquerda para direita: Paulo Caringi, Afonso Soares e Carlos Palut nos estúdios da Continental

Fonte: Arquivo pessoal de Paulo Caringi.

É importante ressaltar que a figura do repórter de rádio não existia até a década de 1950, diferentemente do repórter dos jornais impressos que já tinha prestígio. Foi então nas ruas do Rio de Janeiro que essa formação começou a ocorrer, com Carlos Palut à frente, como afirma Ary Vizeu (2004): “todo mundo se mexia e ele [Palut] era o chefe. Ele ia pra rua também”. Jorge Sampaio (2004) confirma: “ele era um líder **na rua**.[...] Na rua ele era o líder. Ele realmente exercia liderança. Isso se deve, tudo isso a ele”. E Carlos Alberto Vizeu (2004) completa: “Ele dizia sempre o seguinte, quem não sabe fazer não sabe mandar. Entendeu? Então não tinha esse negócio de ficar fazendo muita teoria, muita teoria. Ele ia lá e fazia as coisas”.

Carlos Palut morreu pobre, em 1972, na casa da irmã, Iolanda, e do cunhado, Ary Vizeu. Segundo Carlos Alberto Vizeu (2004), isso aconteceu porque Palut era desprendido com relação ao dinheiro:

A Continental não pagava⁶. Meu tio era uma pessoa assim, se ele tivesse 20 reais no bolso, e você chegasse assim “Palut, eu tô com um problema”, “toma 10”. “Mas eu precisava de 20”. “Toma mais 10”. Ficava sem dinheiro. [...] Ele não se preocupava, ele não sabia se preocupar com o amanhã, entendeu? Ele não era uma pessoa que dizia assim, “não, quanto eu vou ganhar?”. A preocupação dele era a seguinte: “qual é o horário, qual é o horário que vão me dar pra fazer minhas reportagens”.

⁶ Foram muitos os relatos dos entrevistados dando conta que a Continental tinha dificuldades em pagar os salários a todos os funcionários. Paulo César Ferreira, por exemplo, chegou a receber salário em pneus que sobraram de uma permuta quando nasceu seu primeiro filho: “Eu não tinha dinheiro, eu vendi o pneu pra poder pagar a maternidade de meu filho” (FERREIRA, 2004).



O interesse pelas reportagens era tanto, que num depoimento dado à “Revista do Rádio” de 18 de maio de 1963, Palut afirma: “Eu ficaria feliz se morresse, bem velhinho, fazendo reportagens”.

O legado

Analisando estes aspectos da vida de Carlos Palut é possível destacarmos alguns pontos que ainda hoje podem contribuir para o ensino do radiomalismo. Não há dúvida que atualmente se conhece muito mais sobre o veículo, muitas pesquisas e descobertas foram feitas, mas algumas das singularidades mostradas por Palut são instigantes. Vejamos.

a) O conhecimento do veículo. O fato de Palut ter começado cedo e passado por quase todas as funções dentro de uma emissora, lhe dava um conhecimento largo a respeito das características do rádio. Como afirma Heizer (2005) ele deu velocidade e imediatismo à cobertura jornalística. É importante ressaltar que o imediatismo sempre foi possível às transmissões radiofônicas. Prova disso é que na estréia do veículo no País, em 1922, transmitiu-se o discurso do Presidente Epitácio Pessoa e acordes da obra “O Guarani” diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Entretanto, o jornalismo levou quase 30 anos para utilizar essa imediaticidade em prol da informação. No ensino do radiojornalismo esse aspecto não pode passar despercebido. O futuro repórter de rádio deve conhecer as características do veículo em que irá trabalhar, além de aprender as regras do texto radiofônico, por exemplo. É necessário entender que a redundância é pedida em função da instantaneidade e fugacidade e não é apenas mais uma norma que precisa ser decorada. Cada uma das características do rádio⁷ é importante para uma visão mais ampliada do veículo e uma produção refletida e não apenas mecânica.

b) Conhecimento da potencialidade da linguagem radiofônica. Como sonoplasta, contra-regra, produtor e discotecário-programador, Palut pôde conhecer as riquezas da linguagem radiofônica e certamente trabalhou com os sons, a música e o silêncio. Como radioator, pôde apurar a colocação da voz. Com isso, mesmo não tendo referências teóricas, conhecia os quatro elementos que compõem a linguagem

⁷ As outras características do veículo são: linguagem oral, penetração, mobilidade: emissor e receptor, imediatismo, ubiquidade, baixo custo, redundância, autonomia, falta de percepção visual e sensorialidade.



radiofônica⁸ e sabia fazer uso deles. Depreende-se isso da experiência contada por Celso Garcia. Na reportagem com os trabalhadores diante da Emissora Continental, Palut inseriu o som das britadeiras como mais um elemento de informação. É muito comum no radiojornalismo que ouvimos hoje um excesso de voz e um uso tímido da música, somente como pano de fundo. Entretanto, o rádio pode explorar muito mais. No ensino do radiojornalismo é essencial que o aluno conheça a linguagem radiofônica na sua potencialidade para lançar mão dela no momento de produzir a informação.

c) Variação de fontes e saída dos gabinetes. Nessa mesma reportagem citada por Celso Garcia, Palut fez a opção de entrevistar gente do povo, trabalhadores. Isso reforça uma outra idéia já apresentada desde a cobertura de carnaval: a saída dos gabinetes, uma variação às fontes oficiais. Como já vimos, o radiojornalismo até a década de 1950, era fortemente baseado em notícias de agências, mas Palut fez a opção de ir às ruas e dar voz às fontes. A sua orientação era a de que os repórteres procurassem por assuntos de interesse da cidade e prestassem um serviço ao cidadão falando de preços, incêndios, assaltos, desabamentos ou enchentes. Essas coberturas se tornaram tão corriqueiras que na enchente de janeiro de 1966, Felice (1981, p. 69) relata que a Continental centralizou, a pedido do Governo da Guanabara, todo o trabalho de socorro e atendimento às vítimas. Essa atitude de dar voz a pessoas comuns e fazer uma reportagem de um assunto inusitado revela um desejo de sair do habitual. O rádio é, sim, o veículo apropriado para a cobertura imediata dos fatos que irrompem a cada instante. Entretanto, a pauta do rádio deve também lançar olhares em outras direções, buscar pautas que não somente cubram as “hot news” como também propiciem momentos de aprofundamento, reflexão. Dar voz a quem não tem um cargo importante à frente do nome pode revelar singularidades pouco exploradas no radiojornalismo dos nossos dias.

d) Criatividade, Experimentação e Ousadia. Além do conhecimento das teorias e técnicas do rádio e do radiojornalismo, é necessário também a criatividade, experimentação e a ousadia. Foi com criatividade que Carlos Palut ousou mudar a transmissão que se fazia do carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Ele experimentou um

⁸ Quando se fala em linguagem radiofônica é preciso salientar que os autores fazem ligeiras diferenciações nas classificações de seus componentes. Prado (1989) divide a linguagem radiofônica em palavra, música, silêncio, ruído e efeitos especiais. Silva (1997) classifica-a em palavra escrita, músicas, efeitos sonoros, silêncio e ruídos. Moraes (1987) fica com apenas três elementos: palavra, músicas e efeitos. Kaplún (1978) também não considera o silêncio em sua divisão, que fica com palavra, música e sons (efeitos). Eduardo Meditsch (2001) fala em palavra, música, ruídos e silêncio. E Ferrareto (2000) entende que a linguagem radiofônica conjuga quatro elementos: a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio.



formato de cobertura novo, que acabou se transformando em padrão para as outras emissoras. Nessa experimentação de carnaval, Palut acabou gerando o embrião para o início e o uso intensivo da reportagem externa na Emissora Continental e no rádio brasileiro. Pelo depoimento de Jorge Sampaio ficamos sabendo que Palut precisou convencer o então diretor da emissora, Gagliano Neto, a fazer tal cobertura. Afonso Soares informa que ninguém acreditava que isso pudesse dar certo. Mas deu tão certo que até hoje o nome de Palut é lembrado e associado ao surgimento da reportagem no rádio brasileiro. Isso mostra que não houve acomodamento. Sabemos que no dia-a-dia do rádio comercial não se admitem muitas experimentações. As emissoras que dependem das verbas de publicidade para sobreviver vão experimentar e ousar pouco para não correr o risco de espantar os ouvintes. Entretanto, numa universidade essa experimentação é primordial. Se não for na academia, onde mais poderemos usar da criatividade, ousar propor novos formatos de programas? Teoria e prática devem andar a par e passo. Com o conhecimento das teorias e dos conceitos que sustentam o radiojornalismo aliado a experimentação e criatividade, novas linguagens, novos formatos e novos sons podem arejar a produção radiojornalística.

Carlos Palut deu o exemplo na década de 1950. Mesmo sem nunca ter frequentado uma universidade ele deixou como legado uma escola onde o conhecimento do veículo, a criatividade e a experimentação propiciaram um novo jeito de fazer radiojornalismo. O espírito de descoberta demonstrado por Palut não pode ser deixado de lado. Com o rádio brasileiro à beira de comemorar 85 anos, e discutindo a digitalização, ainda é preciso olhar para suas características intrínsecas e sua história na tentativa de ainda descobrir novas formas de transmissão, novos formatos de programas, novos conteúdos de programação, novas maneiras de se produzir uma reportagem. A reflexão sobre como utilizar as diferentes formas e linguagem na transmissão dos fatos precisa começar na academia para que possa chegar aos veículos. Nisso, o papel da universidade torna-se fundamental. É preciso haver reflexão sobre o tipo de radiojornalismo que temos e o que queremos, tanto na forma quanto no conteúdo. Talvez precisemos ainda hoje da criatividade e experimentação de outros Paluts, que osem pensar num tipo de jornalismo que ainda não temos. Se aliarmos a prática da Continental com o montante de conhecimento sobre o veículo processado até a atualidade, poderemos pensar e re-pensar o radiojornalismo que temos.



Referências bibliográficas

AMOR de Palut e Alba começou no rádio. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 21 mar. 1964.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **A prática da reportagem radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Julio de Mesquita Filho (Unesp), Bauru.

BOLSA de valores do rádio. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 15 maio 1951.

_____. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 5 mar. 1955.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARINGI, Paulo. Entrevista concedida à Flávia Lúcia Bazan Besspalhok. Rio de Janeiro, 13 out 2004.

FELICE, Mauro de. **Jornalismo de Rádio**. Brasília: Thesaurus, 1981.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzato, 2000.

FERREIRA, Paulo César. Entrevista concedida à Flávia Lúcia Bazan Besspalhok. Rio de Janeiro, 13 out 2004.

GARCIA, Celso. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Besspalhok. Rio de Janeiro, 20 jul. 2005.

GOMES, Saulo. Entrevista concedida a Flávia Lúcia Bazan Besspalhok. Ribeirão Preto, 14 jul. 2004.

HEIZER, Teixeira. Entrevista concedida à Flávia Lúcia Bazan Besspalhok. Niterói, 13 out 2004.

KAPLÚN, Mário. **Produccion de programas de radio: el guion, la realizacion**. Quito: Ciespal, 1978.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

MINHA vida por mim mesmo. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 15 mai. 1951.

MORAIS, Wilma. **Sonoras imagens**. 1987. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269 – 279.

_____. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

OLHO por.... **Radiolândia**, Rio de Janeiro, 12 mar. 1955.

ORTRIWANO, Gisela S. (Org.) **Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais**. São Paulo: COM-ARTE, 1987.



_____. **A informação no rádio:** os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Os (des) caminhos do radiojornalismo.** 1990. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo.

_____. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, v. 56, p.66-85, 2003.

RÁDIO no Brasil, 1922-1990. Produção de Carlos Alberto Vizeu. Rio de Janeiro: Tele Tape, 1990. 1 videocassete

SAMPAIO, Jorge. Entrevista concedida à Flávia Lúcia Bazan Bessalho. Rio de Janeiro, 14 out. 2004.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo audiovisual:** teoria e prática do jornalismo no rádio, TV e cinema. Petrópolis: Vozes, 1971

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional:** o Brasil em sintonia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio:** oralidade mediatizada, o spot e os elementos da linguagem radiofônica. 1997. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOARES, Afonso. Entrevista concedida à Flávia Lúcia Bazan Bessalho. Rio de Janeiro, 19 jul 2005.

SONHO de Palut é morrer fazendo uma reportagem. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, 15 maio 1963.

VIZEU, Ary. Entrevista concedida à Flávia Lúcia Bazan Bessalho. Rio de Janeiro, 12 set 2004.

VIZEU, Carlos Alberto. Entrevista concedida à Flávia Lúcia Bazan Bessalho. Rio de Janeiro, 12 set 2004

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A notícia no radiojornalismo brasileiro:** transformações históricas e técnicas. 1998. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.